

27 FEV 1991

Bancos fazem provisão para risco Brasil

por Peter Truell
da AP/Dow Jones

Os fiscais federais americanos podem em breve exigir que os grandes bancos dos Estados Unidos contabilizem como prejuízo 20% dos seus empréstimos ao Brasil, ação que poderia prejudicar os resultados bancários do primeiro trimestre.

O Brasil será um tópico importante quando o Comitê Interagências de Revisão de Exposição de Países (ICERC), órgão de fiscalização que monitora os empréstimos bancários a países estrangeiros, mantiver sua reunião de uma semana a partir de 11 de março, informaram banqueiros e funcionários. Além de requerer uma nova contabilização de 20% dos empréstimos ao Brasil como perdas, dizem banqueiros e funcionários, as autoridades de fiscalização podem ordenar a contabilização de US\$ 700 milhões em empréstimos de longo prazo dos bancos americanos à Polônia como prejuízo, a menos que os bancos ofereçam voluntariamente o perdão de parte considerável da dívida daquele país.

ICERC

O ICERC inclui funcionários do Tesouro, do Federal Reserve (banco central), do

Office of the Comptroller of the Currency e da Federal Deposit Insurance Corp. No ano passado, exigiu uma redução de 20% na dívida brasileira. O Brasil, maior vendedor entre os países em desenvolvimento, não paga há dois anos o serviço sobre seus US\$ 50 bilhões em dívidas de médio e longo prazo junto aos bancos comerciais.

A falta de acordo entre o Brasil e seus credores preocupa o Tesouro. "Não me preocupo com os bancos, mas com o Brasil", disse um importante funcionário do Tesouro nesta semana. As importantes relações do país com a comunidade financeira internacional estão em deterioração, disse ele aos repórteres.

Houve pequeno progresso nas negociações do Brasil com seus bancos credores. Jório Dauster, o negociador oficial da dívida brasileira, circulou por Nova York nas últimas duas semanas mostrando disposição de arranjar algum entendimento sobre o acerto dos mais de US\$ 8 bilhões em serviço atrasado da dívida do País junto aos bancos comerciais, o acumulado de 22 meses.

PROGRESSO

"Falamos e realizamos algum progresso, mas ainda falta bastante para chegar a

acordo sobre o serviço em atraso", disse William Rhodes, o executivo do Citicorp que lidera os esforços de negociação da dívida de seu banco. O Brasil aparentemente ofereceu-se para fazer um pagamento de US\$ 1,5 bilhão relativo ao atrasado, segundo banqueiros próximos às negociações. Isso representa aumento sobre as ofertas anteriores, de pagamento de US\$ 900 milhões e US\$ 1,2 bilhão.

Fazer com que o Brasil aceite um acordo sobre seus pagamentos atrasados provavelmente exigiria o envolvimento do presidente Fernando Collor", de Mello. "A decisão quanto ao acordo sobre os atrasados cabe a Collor, disse o banqueiro.

Outra redução de 20% na dívida ativa brasileira teria grandes efeitos sobre o Citicorp, o Bankamerica Corp, o Chase Manhattan e o Manufacturers Hanover Corp., os quatro maiores bancos credores do Brasil.

Os bancos americanos respondem por cerca de um terço da dívida externa bancária brasileira. Em 30 de setembro, o Citicorp tinha US\$ 2,7 bilhões emprestados ao Brasil, o Bankamerica tinha US\$ 1,5 bilhão, o Chase US\$ 1,3 bilhão e o Manufacturers Hanover US\$ 1 bilhão.

Os grandes bancos americanos podem absorver confortavelmente uma contabilização de 20% sobre suas reservas existentes em virtude dos empréstimos problemáticos ao Terceiro Mundo, mas isso os pressionaria a utilizar lucros para reconstruir as reservas. Em 30 de setembro de 1990, os quatro maiores bancos credores americanos junto ao Brasil tinham reservas equivalentes de 31% a 44% de seus empréstimos ao conturbado país, de acordo com a Keefe, Bruyette & Woods Inc., empresa americana especializada em ações de bancos.

Um acordo geral entre o Brasil e seus bancos credores parece estar muito distante.

O país nem sequer negociou um programa de ajuste econômico com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Até que o faça, será difícil para os bancos fazer progresso nas negociações, já que não haverá programa geral no qual basear o acordo.

Uma equipe do FMI deve visitar o Brasil na semana que vem para consultas regulares sobre a política macroeconômica do país. Não há garantia de que as discussões se estendam mais do que isso, dizem funcionários.